

Rorschach para deficientes visuais: apresentação de instruções e pranchas adaptadas

Rorschach for the visually impaired: presentation of instructions and adapted cards

Maysa Valbom Ladeira¹
Mara Sizino da Victoria²

RESUMO

A avaliação psicológica (AP) é a área da psicologia que concentra o maior interesse para utilização dos instrumentos psicológicos, dentre eles, o Rorschach. No entanto, uma das principais condições do indivíduo que a ele se submete é ter capacidade visual. Neste sentido, o objetivo deste artigo foi divulgar a possibilidade de adaptação do Rorschach para deficientes visuais com perda completa da visão. Portanto, apresentou-se a adaptação da etapa 'instruções' e das pranchas de Rorschach, através de materiais com textura. Como resultado, foi obtido as dez pranchas de Rorschach com os mesmos contornos das manchas originais, e tonalidades semelhantes às das manchas cromáticas. Como uma tentativa pioneira de adaptação do Rorschach à deficiência visual, este trabalho está em consonância ao movimento de expansão da área de AP no Brasil. E, estando ainda em fase inicial, apresenta algumas limitações, como ainda não ter sido testado no público-alvo.

Palavras-chave: Avaliação psicológica. Rorschach. Deficiência visual.

ABSTRACT:

Psychological evaluation (PE) is the area of psychology that concentrates the greatest interest for the use of psychological instruments, among them Rorschach. However, one of the main conditions of the individual who undergoes it is to have the visual ability. In this sense, the objective of this article was to divulge the possibility of adapting the Rorschach for the visually impaired with full vision loss. Therefore, the adaptation of the 'instructions' step, and the Rorschach cards through textured materials was presented. As a result, the ten Rorschach cards with the same contours of the original stains were obtained, and shades similar to those of the chromatic stains. As a pioneering attempt to adapt Rorschach to visual impairment, this work is in line with the expansion movement of the PE area in Brazil. And, being still in its initial phase, it presents some limitations, as it has not yet been tested in the target audience.

Keywords: psychological evaluation; Rorschach; visual impairment.

149

¹ Graduada em Psicologia, ex-aluna da Universidade Veiga de Almeida, formada pelo Centro Universitário de Maringá, UniCesumar, PR. E-mail: maysa.ladeira@uol.br

² Psicóloga, Doutora em Saúde Mental pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ), professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF-Rio das Ostras), RJ. E-mail: marasizino@yahoo.com.br

A avaliação psicológica (AP) pode ser definida como um processo técnico e científico, realizado em etapas que perpassam desde o levantamento dos objetivos da avaliação; coleta de informações através de entrevistas, observações, testes psicométricos e/ou projetivos/expressivos; integração das informações e, por último, a comunicação dos resultados ao indivíduo, grupo de indivíduos ou instituição que buscou o processo de avaliação (CFP, 2013). Segundo a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 009/2018, a AP deve basear sua decisão em métodos e/ou técnicas e/ou instrumentos psicológicos reconhecidos cientificamente, que são considerados fontes fundamentais, além de fontes complementares (técnicas e instrumentos não psicológicos e documentos técnicos) a depender do contexto. Principalmente as fontes consideradas fundamentais levam a um estudo atento e profundo sobre a demanda a ser atendida e a avaliação a ser efetuada. Ademais, o CFP (2013) caracteriza esta área como dinâmica, de caráter explicativo sobre os fenômenos psicológicos, podendo auxiliar a área da saúde, educação, jurídica, trânsito e indivíduos com necessidades especiais.

Embora a AP tenha avançado nos últimos anos com a significativa colaboração do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (Ibap)³, da Associação Brasileira de Rorschach e

³ Disponível em: <http://www.ibapnet.org.br/>, recuperado em 07 de julho, 2019.

Métodos Projetivos (ASBRo)⁴, e crescente publicação na área [por exemplo, a revista “Diálogos” de maio de 2019, número inteiro dedicado à temática intitulado “Avaliação Psicológica: área em expansão”], ainda há lacunas que precisam ser preenchidas para que a prática seja realmente inclusiva e que atenda a públicos especiais, principalmente no que se refere aos instrumentos psicológicos (BARROS, 2019).

A AP é a área da psicologia que concentra a maior motivação para utilização dos instrumentos psicológicos, dentre eles, um teste [também considerado uma técnica ou método] de grande visibilidade e uso, o Rorschach, sistema Klopfer (VAZ, 1997; 2006). Todavia, para aplicação desse valioso instrumento, uma das principais condições do indivíduo que se submete a ele é ter acuidade visual. Trazendo à tona a importância de desenvolvimento e adaptação de instrumentos que atendam a públicos especiais, este trabalho apresenta uma possibilidade de adaptação do Rorschach para deficientes visuais totais, indivíduos com perda completa da visão.

O Rorschach e iniciativas de instrumentos adaptados

Segundo Vaz (1997; 2006), o Rorschach é formado por manchas de tinta abstratas, porém, simétricas a partir de um eixo vertical, dispostas em dez pranchas (ou cartões), sendo cinco

⁴ Disponível em: <http://www.asbro.org.br/>, recuperado em 07 de julho, 2019.

delas estruturadas a partir de estímulos acromáticos, manchas formadas de preto e branco (cartões I, IV, V, VI e VII), e as outras cinco a partir de estímulos cromáticos, manchas com mais de uma cor (cartões II, III, VIII, IX e X). Os cartões II e III têm manchas em preto e vermelho e os de números VIII, IX e X são multicoloridos. O teste de Rorschach é aplicável a uma extensa faixa etária, principalmente adolescentes e adultos. A tarefa consiste em olhar uma prancha de cada vez e dizer tudo aquilo que as manchas sugerem, lembram ou parecem. Essas pranchas têm por finalidade avaliar a estrutura da personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos tomando por base critérios padronizados dos tipos de respostas. Torres (2010) caracteriza a finalidade do teste de Rorschach afirmando que este deve conseguir um recorte da personalidade de cada sujeito, de como ele se equilibra e do seu modo de ver o mundo.

A origem do teste partiu de Hermann Rorschach, nascido em Zurique, Suíça, que já demonstrava interesse por desenhos abstratos com manchas de tinta desde o curso secundário de sua escola. Mas, foi a partir do nascimento de seus filhos, que este retornou a desenhar para eles, aguçando novamente seu interesse pelas manchas de tinta. E, a partir daí, inspirado pelo trabalho de Szymon Hens, buscou comparar o conteúdo da imaginação de pessoas psicóticas e pessoas normais utilizando como estímulo oito cartões com manchas de tinta preta. Rorschach começou a

observar os tipos de respostas que um grupo dava em relação ao outro, sendo um mais focado em respostas detalhadas e outro em respostas mais amplas, abrangendo toda mancha. Ademais, para aprofundar seus estudos, começou a experimentar em seus pacientes estímulos de manchas pretas e coloridas, utilizando a técnica de derramar tinta no centro de uma folha branca e depois dobrar o papel e abrir novamente, observando em seguida as respostas que cada grupo de pacientes dava sobre estes borrões. Percebeu então que os pacientes esquizofrênicos frequentemente visualizavam os mesmos conteúdos nos mesmos locais das manchas, ao passo que os neuróticos encontravam mais conteúdos comuns entre si, porém, diferentes no que se refere ao conteúdo e localização. Com isso, Hermann Rorschach iniciou o desenvolvimento de uma grande técnica para avaliar a personalidade, que culminou na publicação do livro *Psychodiagnostik*, em 1921; todavia, seus estudos não tiveram prosseguimento, pois nove meses após a publicação, Rorschach veio a falecer. Desse modo, seu trabalho nunca pôde ser finalizado, e até hoje, inúmeros estudos ainda buscam melhorar cada vez mais este belo teste, intitulado com o seu sobrenome, Rorschach (FREITAS, 2005; VAZ, 1996; 2006).

Dando continuidade ao avanço da técnica de Rorschach, milhares de trabalhos, artigos, estudos e centenas de grupos de estudos propiciaram uma vasta bibliografia espalhada por todo o mundo, oferecendo cada vez mais aprofundamento, especialização e

adequação deste teste para as diferentes nacionalidades, culturas e limitações (FREITAS, 2005). Logo, considera-se apto para a execução do teste pessoas que saibam verbalizar bem aquilo que pensam, a fim de oferecer respostas claras ao aplicador do teste e ter boa acuidade visual para conseguir visualizar bem as manchas de tinta dos cartões. Pensando nesses requisitos, este artigo vem busca ampliar ainda mais os estudos iniciados por Hermann Rorschach, em uma tentativa ainda muito pioneira de englobar as pessoas com deficiência visual dentro do público apto para a realização do teste, aumentando as possibilidades de avaliação psicológica de pessoas cegas. Vale ressaltar aqui que o foco do teste são sujeitos que possuem perda da visão total (cegueira total), definida como perda completa de visão, em que não há nem mesmo a percepção luminosa, como definido em termos legais, de acordo com a Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008, art.1º§2º (Brasil, 2008).

Para isso, considerou-se a nota técnica CFP 004/2019, que ressalta alguns aspectos fundamentais para uma adaptação adequada a deficientes: (1) conhecimento profundo do público-alvo para o qual o teste é destinado; (2) necessidade de que a operacionalização do construto avaliado seja compreendida de modo equivalente para grupos com características distintas; (3) estudos empíricos com população ampla e diversificada; (4) condições igualitárias para pessoas com e sem deficiência; (5) avaliação de diferentes graus da deficiência; (6)

itens não tendenciosos e acessíveis; (7) estudos psicométricos.

A partir desses princípios, encontrou-se algumas iniciativas de desenvolvimento de testes psicológicos para deficientes visuais, no entanto, muitos deles utilizando as chamadas tecnologias assistidas, em que há o auxílio de leitores de tela em computadores para a respostas de testes, como nos casos dos trabalhos descritos nos artigos *Evidências de Validade de uma Bateria Informatizada para Avaliação da Personalidade Adaptada ao Desenho Universal* (OLIVEIRA, 2013) e *Instrumentos para Avaliação Psicológica de Pessoas com Deficiência Visual: Tecnologias para Desenvolvimento e Adaptação* (OLIVEIRA; NUNES, 2015).

Já em outras iniciativas, encontra-se a criação de testes somente direcionados para deficientes visuais, sem o objetivo de ser abrangente a nenhum outro público, como no caso dos trabalhos divulgados pelos artigos *Avaliação da inteligência de crianças deficientes visuais: proposta de instrumento* (Campos, 2017), *O emprego do Desenho-Estória com Tema como estratégia para avaliação em indivíduos com deficiência visual* (MOREIRA; CASTRO, 2016) e *Serviço de avaliação Psicológica e Psicoterapia para Deficientes Visuais* (BOCCALANDRO, 2001) que apresenta dois testes em sua avaliação, um adaptado por ele, chamado de Psicodiagnóstico Miocinético (P.M.K.) e outro criado por ele, denominado Teste Projetivo Sonoro (T.P.S.).

Somente uma iniciativa de desenvolver um teste acessível à deficientes visuais e sem a deficiência foi identificada ao longo das pesquisas realizadas para o presente levantamento. Esse projeto foi desenvolvido como tese de doutorado intitulado *Relações entre a Inteligência Geral e a Inteligência Emocional: O Papel do Autoconceito em Crianças e Adolescentes Videntes e com Deficiência Visual* (LINS, 2016).

Um princípio muito interessante mencionado na nota técnica CFP 004/2019, e também citado em alguns artigos destacados acima, é o conceito de desenho universal, o qual possui sete regras fundamentais que resultam em algo que seja acessível a todos os públicos, de maneira ampla, sem a necessidade de criar-se trabalhos específicos para cada grupo de pessoas. De acordo com Oliveira (2013), esses princípios são listados respectivamente como: primeiro princípio – uso equitativo; segundo princípio – uso flexível; terceiro princípio – uso simples e intuitivo; quarto princípio – informação de fácil percepção; quinto princípio – tolerância ao erro; sexto princípio – baixo esforço físico; sétimo princípio – dimensionamento de espaços para acesso e uso abrangente.

A ideia do presente trabalho é aproximar ao máximo o Rorschach ao princípio do desenho universal indicado pelo CFP, atentando-se a todos os cuidados de experimentação para real validação de seus resultados. No que tange a projetos como este ou semelhantes, só foi descoberto apenas um, em uma pesquisa antiga, divulgada por meio do artigo *Rorschach Tátil: A*

avaliação da personalidade por meio das impressões táteis, de Johann e Tejada (2016). Nesse artigo, os autores apresentam o nomeado Rorschach Tátil, uma iniciativa antiga, criada por Oscar V. Oñativia em 1972, que consistia em quatro pranchas grandes, que não se encontram disponíveis para venda, compostas por materiais de diferentes formas e texturas, que tinha o objetivo semelhante do teste de Rorschach de ouvir aquilo que o testando conseguia reconhecer naquele material. No entanto, nesse caso, deficientes visuais ou não deveriam trabalhar da mesma maneira, tateando o material, sem poder utilizar a visão para as respostas. Embora o trabalho deste autor não tenha avançado, foi importante para pensar na possibilidade de avaliação da personalidade através das sensações táteis no caso dos deficientes visuais, uma vez que estes, além de já possuírem as inúmeras correlações táteis com a percepção que os videntes apresentam, possuem ainda mais informações perceptivas com a sensação do tato, pois é através deste que acessam a leitura do braile, as informações do mundo ao redor, e tudo mais que possa ser disparador de emoções, aprendizagens, pensamentos e lembranças (JOHANN; TEJADA, 2016).

Tomando como referência todo o conteúdo descrito, este tema de pesquisa originou-se durante o percurso acadêmico da primeira autora, que é deficiente visual total, no momento em que estava cursando a matéria de ‘técnicas projetivas/expressivas’ na graduação de Psicologia. A condição imposta pela natureza do Rorschach

(“olhar e dizer o que as manchas sugerem”), fez com que essa autora pensasse em uma nova apresentação do teste que, futuramente, pode ser aperfeiçoada e avaliada em suas propriedades psicométricas. Por ora, o objetivo é divulgar esta possibilidade, a adaptação da etapa ‘instruções’ e apresentar a confecção do material.

Métodos

O processo de adaptação do material iniciou pela releitura minuciosa do manual de Rorschach (VAZ, 1997; 2006). Segundo a orientação desse manual, a aplicação da técnica de Rorschach é dividida em seis fases, sendo obrigatórias as quatro primeiras e facultativas as duas últimas: 1. Fase do “*rapport*”; 2. Instrução; 3. Aplicação propriamente dita; 4. Inquérito ou investigação; 5. Seleção dos cartões; 6. Exame de limites. O presente trabalho trata apenas da adaptação das “instruções” e da “aplicação propriamente dita”, com os ajustes ao material do teste.

1º Adaptação das instruções

Respeitando a ordem das fases de uso do Rorschach (VAZ, 1997; 2006), fez-se primeiramente o processo de adaptação das instruções de aplicação. Desta forma, segue abaixo as instruções originais e em seguida as instruções adaptadas ao público-alvo buscando a menor alteração possível em comparação à original.

Instrução Original - “Nós vamos, agora, fazer um teste bastante

simples. Não se trata de um teste de acerto ou erro. Eu vou lhe apresentar uma série de cartões, um de cada vez, você olha e, à medida que vai olhando, você vai falando tudo aquilo que as manchas lhe sugerem, o que elas lhe lembram ao olhar para o Cartão. Procure não se preocupar nem com erros nem com acertos, nem com o que é bom ou não, falar. Bom é que você fale à vontade, bem livremente, tudo aquilo que lhe vem à lembrança. Algumas pessoas veem mais, outras veem menos. Enquanto você vai falando, eu vou tomando nota; não se preocupe também com isso! Fique bem à vontade. Durante algum tempo eu não conversarei com você, pois preciso anotar o que você fala, depois sim, irei conversar para ver se entendi bem tudo que você tiver falado. Não vendo mais nada, devolva-me, por favor, o Cartão. Está bem? Compreendeu bem? Vamos começar!” (VAZ, 1997, p.16)

Instrução Adaptada - “Nós vamos, agora, fazer um teste bastante simples. Não se trata de um teste de acerto ou erro. Eu vou lhe apresentar uma série de pequenos quadros de madeira, um de cada vez, com manchas representadas em relevo. Você vai conhecendo, um por um, e, à medida que vai percebendo a figura, você vai falando tudo aquilo que as manchas lhe sugerem, o que elas lhe lembram conforme você toca em cada quadro. Procure não se preocupar nem com erros nem com acertos, nem com o que é bom ou não, falar. Bom é que você fale à vontade, bem livremente, tudo aquilo que lhe vem à lembrança. Algumas pessoas reconhecem mais imagens, outras menos. Enquanto você vai falando, eu vou tomando nota; não se preocupe também com isso! Fique bem à vontade. Durante algum tempo eu não conversarei com você, pois preciso anotar o que você fala, depois sim, irei conversar para ver se entendi bem tudo que

“você tiver falado. Se não reconhecer mais nada, devolva-me, por favor, o quadro. Está bem? Compreendeu bem? Vamos começar!”

Além das instruções iniciais, é necessário adaptar também as frases entre a devolução de um cartão e apresentação do seguinte ao longo da fase “aplicação propriamente dita”, pois o manual oferece como sugestão pequenas frases ditas de diferentes formas, mas que sugerem uma solicitação ao testando para ver algo [por exemplo, “vejamos mais esse aqui” e “vamos ver neste cartão, o que lhe sugere”], o que deve ser reformulado para uma frase adequada, com o uso de verbos como “encontrar”, “lembrar”, “reconhecer”, “descobrir”, “achar”, “perceber”, entre outros [por exemplo, “perceba mais esse aqui”, “vamos conhecer este cartão, o que lhe sugere”].

2º Adaptação do Material – pranchas de Rorschach

As dez pranchas adaptadas foram produzidas em dez quadros de madeira com medidas de 25x25cm de modo que pudessem oferecer um bom espaço nas laterais para segurar o

quadro com as duas mãos, sem tocar na figura que foi afixada no centro.

Para a produção das manchas do teste de Rorschach nos quadros de madeira, foi necessário fazer “um molde” de cada mancha em papel vegetal e depois passado para folha branca A4. No caso das cinco pranchas acromáticas, manchas mais homogêneas, o molde consistiu em reproduzir apenas os contornos externos e internos da mancha. No caso das cinco pranchas cromáticas, suas tonalidades de cores foram separadas, com a finalidade de discriminar mais precisamente cada parte da mancha. Nas pranchas multicoloridas (VIII, IX e X), buscou-se considerar a cor de maior predominância em cada região da mancha.

Após este processo, foi feita uma seleção de materiais com diferentes texturas que pudessem ser colados sobre o papel utilizado como molde, atentando-se também à correlação das cores do teste com as cores dos materiais, para que a mancha do teste adaptado ficasse o mais próximo das manchas originais. Desse modo, cada textura foi relacionada a uma cor, como descrito na Tabela 1:

155

Tabela 1: Relação dos materiais e cores utilizados em cada prancha

<i>Materiais com textura</i>	<i>Cor dos materiais utilizados</i>	<i>Número da prancha onde foi utilizado</i>	<i>Cor da mancha original</i>
EVA liso	Cinza	Todas as pranchas	Preto
EVA liso	Verde	VIII, IX, X	Verde
EVA atalhado	Rosa	II, III, VIII, IX, X	Vermelho
Cola relevo	Azul	X	Azul
Cola relevo com <i>glitter</i>	Amarelo	IX, X	Amarelo
EVA com <i>glitter</i>	Verde	VIII, X	Verde
Papel camurça	Laranja	VIII, IX, X	Laranja

Após a seleção dos materiais com textura, cada região com cor predominante na mancha foi recortada em formatos iguais aos seus moldes em papel e colados sobre estes, deixando a face com textura exposta. A face com o papel foi colada à madeira do quadro, com cola branca, após todos os pequenos pedaços de cores diferentes de cada mancha terem sido encaixados, uns aos outros, como um “quebra-cabeça”, remontando a mancha original de cada prancha. Nos casos do uso da cola relevo e do papel camurça, para que estes ficassem com a mesma altura do restante da mancha com EVA, inseriu-se, primeiro, um EVA liso de

coloração cinza em contato com o papel molde e, por cima do EVA, colou-se, também com o mesmo formato do molde, o papel camurça, ou, no caso das colas, o EVA cinza foi completamente coberto pela cola.

Por fim, cada quadro de madeira recebeu uma numeração em braile, igual ao número correspondente das pranchas originais, que foi afixada na parte de trás do quadro. Como resultado, foi obtido as dez pranchas de Rorschach em dez quadros de madeira, com os mesmos contornos das manchas originais, e tonalidades semelhantes às manchas cromáticas, como pode-se observar na Figura 1.

Figura 1: As dez pranchas de Rorschach adaptadas com materiais de textura



156

Discussão

Este artigo pretendeu apresentar a possibilidade de ampliar o uso do Rorschach a indivíduos com perda total da visão. Em função da primeira autora possuir a deficiência e ser estudante de Psicologia, tinha conhecimento profundo das limitações e alcances do uso do instrumento à deficiência. O primeiro passo da adaptação foi rever cuidadosamente o manual de Cícero Vaz (1997, 2006), a Resolução CFP

009/2018 e Nota técnica CFP 004/2019, assim como levantamento da literatura de iniciativas de adaptação de instrumento psicológicos ao público-alvo.

Quando se ampliam os instrumentos psicológicos, seja por meio do desenvolvimento de novas medidas, adaptação ao contexto brasileiro à população em geral ou a públicos especiais, toda a área de AP se fortalece. Embora os testes psicológicos possam compor ou não

uma AP, sem dúvida um instrumento psicológico enriquece o processo e oferece maior subsídio para compreensão do indivíduo e suas demandas.

Segundo dados do IBGE, em 2010, há cerca de 6.5 milhões de pessoas com alguma deficiência visual, sendo que destas, 528.624 são incapazes de enxergar (cegos) e 6.056.654 são pessoas que possuem baixa visão ou visão subnormal. Do total da população brasileira, 23,9% (45,6 milhões de pessoas) declararam ter algum tipo de deficiência. Entre as deficiências declaradas, a mais comum foi a visual, atingindo 3,5% da população. Neste sentido, tendo uma alta população deficiente visual no Brasil, há que se refletir que os instrumentos projetivos/expressivos possuem a necessidade de olhar ou desenhar, funções de difícil execução a este grupo. Portanto, é necessário se debruçar sobre uma AP inclusiva e acessível.

Como uma tentativa pioneira de adaptação das dez pranchas de

Rorschach à deficiência visual, este trabalho está em consonância ao movimento de expansão da área de AP no Brasil. E, estando ainda em fase inicial, apresenta algumas limitações: 1. O Rorschach adaptado ainda não foi testado no público-alvo; 2. A faixa de deficiência visual é ampla, – cego total, baixa visão, visão subnormal; 3. As causas da deficiência visual também podem apresentar intensa variação de resposta, assim como a idade da perda da visão; 4. O material adaptado não captura todas as nuances das tonalidades de cinza e outras cores das manchas de Rorschach. No próximo estudo, planejamos testar o Rorschach adaptado a duas amostras de deficientes visuais totais: um grupo de indivíduos que adquiriu a deficiência e um grupo de deficientes visuais congênito e verificar a viabilidade de resposta. Esperamos que este trabalho tenha contribuído para sensibilizar psicólogas e psicólogos de atuação direta na clínica de avaliação psicológica, pesquisadores e instituições nos novos desafios da área.

Referências

BARROS, L. O. (2019). Avaliação Psicológica para surdos. **Revista Diálogos**. Avaliação Psicológica área em expansão, 15 (10), 32-35. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Dialogos-Ed10_Web.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3.128, de 24 de dezembro de 2008. **Define que as Redes Estaduais de Atenção à Pessoa com Deficiência Visual sejam compostas por ações na atenção básica e Serviços de Reabilitação Visual**. Recuperado de: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt3128_24_12_2008.html

BOCCALANDRO, E. R. (2001). Serviço de avaliação psicológica e psicoterapia para deficientes visuais. **Boletim Clínico**, 11. Recuperado de: https://www.pucsp.br/clinica/boletim-clinico/boletim_13/boletim_13_13.html.

CAMPOS, C. R. (2017). **Avaliação da Inteligência para Crianças Deficientes Visuais: Construção de Subtestes e Investigação de suas Qualidades Psicométricas** (Tese de Doutorado não-publicada), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/9/2/CAROLINA%20ROSA%20CAMPOS.pdf>

CFP. Conselho Federal de Psicologia. (2013). **Cartilha avaliação psicológica**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

_____. (2018). **Resolução 009/2018**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

_____. (2019). **Nota técnica 004/2019**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE (2010). **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Recuperado de http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

FREITAS, M. H. (2005). As origens do método de Rorschach e seus fundamentos. **Psicologia: ciência e profissão**, 25(1), 100-117. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000100009>.

JOHANN, R. L. V. O.; TEJADA, J. (2016, agosto-setembro). Rorschach Tátil: A Avaliação da Personalidade por Meio das Impressões Táteis. Em: Okino, E. T. K. et al. (Orgs). **Métodos Projetivos e suas Demandas na Psicologia Contemporânea**. Realizado no XVIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, Ribeirão Preto: ASBRo.

LINS, M. R. C. (2016). **Relações entre a Inteligência Geral e a Inteligência Emocional: O Papel do Autoconceito em Crianças e Adolescentes Videntes e com Deficiência Visual.** (Tese de Doutorado não-publicada), Universidade de Brasília, Brasília. Recuperado de http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20000/1/2016_ManuelaRamosCaldasLins.pdf

MOREIRA, B. S.; CASTRO, P. F. (2016, agosto-setembro). O Emprego do Desenho-Estória com Tema como Estratégia para Avaliação em Indivíduos com Deficiência Visual. In: OKINO, E. T. K et al. (Orgs). **Métodos Projetivos e suas Demandas na Psicologia Contemporânea.** Realizado no XVIII Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, Ribeirão Preto: ASBRo.

OLIVEIRA, C. M.; NUNES, C. H. S. S. (2015). Instrumentos para Avaliação Psicológica de Pessoas com Deficiência Visual: Tecnologias para Desenvolvimento e Adaptação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 35(3), 886-899. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001902013>

OLIVEIRA, C. M. (2013). **Evidências de validade de uma bateria informatizada para avaliação da personalidade adaptada ao Desenho Universal** (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107335/317793.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

TORRES, J. M. A. (2010). O Teste Rorschach na história da avaliação psicológica. **Revista do NUFEN**, 2(1), 92-104. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000100006&lng=pt&tlng=pt.

VAZ, C. E. (1997). **O Rorschach: teoria e desempenho.** Manole Editora.

_____. (2006). **O Rorschach: teoria e desempenho II.** Casa do Psicólogo Editora.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 23/09/2020
Aprovado em 19/11/2020